

Cultura da infância e musicobiografização: conceitos estruturantes para construção de narrativas musicais com arranjos

Comunicação

GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Renan Gregório Cruz
Universidade de Brasília
professor.renacruz@gmail.com

Delmary Vasconcelos de Abreu
Universidade de Brasília
delmaryabreu@unb.br

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa qualitativa em andamento, de base (auto)biográfica, de um Programa de Pós-Graduação em Música. O objetivo consiste em apresentar os conceitos e os procedimentos metodológicos estruturantes da pesquisa. Os participantes da pesquisa são alunos do 4º e 5º anos da Escola Parque 210/211 Norte, em Brasília-DF. O dispositivo formativo consiste no ateliê musicobiográfico. Os fundamentos teóricos estão embasados na cultura da infância, na musicobiografização e na prática musical automedial. O diálogo entre esses referenciais colabora na criação das etapas dos procedimentos metodológicos. Espera-se visualizar um processo dialético em que as crianças criam narrativas musicobiográficas por meio de práticas automediais, emergindo desse processo a base para o arranjo musical, que se configura como narrativa musical infantil. Como resultado, o estudo potencializa a música como *medium*¹ formativo, capaz de mediar a construção de si na infância. Evidencia o papel do pesquisador como alguém que aprende com as crianças a estruturar metodologias voltadas às infâncias.

Palavras-chave: Culturas da infância. Musicobiografização. Práticas musicais automediais.

¹ O termo “médium”, com acento, no texto original, será aqui substituído por “medium”, sem acento, ambos se referem à noção de (inter)mediação. A intenção é diferenciá-los. Enquanto o termo “médium”, usual no Brasil, refere-se à “mediunidade”, “medium” se refere aqui à “medialidade”. (Delory-Momberger e Bourguignon, 2023, p.1, nota de Maria da Conceição Passeggi, tradutora do texto, apud Abreu, Souza e Araujo, 2024).

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa em andamento em um curso de Mestrado Acadêmico em Música. O foco recai sobre o referencial teórico e o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos no contexto de uma abordagem qualitativa, na perspectiva (auto)biográfica, tendo como dispositivo formativo o ateliê musicobiográfico. Para tanto, o objetivo deste trabalho consiste em evidenciar a estruturação dos procedimentos metodológicos e etapas para a investigação desta pesquisa.

Os sujeitos participantes da pesquisa serão crianças entre 09 e 11 anos de idade, estudantes da Escola Parque² 210/211 Norte, localizada em Brasília-DF. A revisão de literatura de pesquisas com a escola parque foi realizada apresentando lacunas sobre o tema aqui investigado. No entanto, pela limitação de palavras consideradas para este artigo, optamos por apresentar um recorte do referencial teórico e metodológico.

As fontes da investigação são narrativas musicobiográficas e narrativas musicais infantis, expressas por meio de diferentes linguagens, como oralidade, escrita, desenho e se necessário, pelo uso de plataformas de *streaming*, como vídeos e músicas, permitindo uma escuta sensível das experiências musicais das crianças em sua diversidade de formas, buscando responder à questão central da pesquisa, que é “como as narrativas musicais infantis podem se configurar mediante os arranjos musicais construídos em e para a sala de aula?”

Convém esclarecer que as narrativas musicobiográficas constituem um tipo de narrativa (auto)biográfica centrada nas experiências formativas do sujeito, tendo a música como seu fio condutor do processo (Souza, 2018). As narrativas musicais são tomadas por Abreu, Souza e Araujo (2024) como “medium, dentro do processo de musicobiografização, porque nos permitem construir sentido para as várias histórias na invenção de si” (Abreu; Souza; Araújo, 2024, p. 11). Sendo assim, pode-se dizer que enquanto narrativa musicobiográfica tem em seu processo de configuração o acesso e utilização, pelo sujeito, de instrumentos semióticos que podem incluir, além da música, fala, grafia, gesto e recursos audiovisuais, a narrativa musical tem a música e seus elementos como uma ferramenta de construção sentidos, expressão de subjetividades e (re)invenção de si mesmo.

² Escola Parque é um modelo educacional integral criado por Anísio Teixeira para Brasília que articula o ensino formal com atividades artísticas, esportivas e culturais, com aulas de artes visuais, música, teatro e educação físico no contraturno. Fonte: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/ppp_ep_210_211_norte_plano_piloto-1.pdf. Acesso em 19 de maio de 2025.

Nesta pesquisa, para a produção de narrativas musicobiográficas e narrativas musicais infantis, os procedimentos metodológicos serão inspirados no ateliê de projeto, de Delory-Momberger (2006), e no dispositivo formativo do ateliê musicobiográfico, de Souza (2018), em diálogo com os conceitos de culturas da infância (Sarmiento, 2004), musicobiografização (Abreu, 2022; 2023; 2024; 2025), práticas automediais (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023) e práticas musicais automediais (Abreu; Souza; Araújo, 2024; 2025).

Culturas da Infância

O conceito de culturas da infância é abordado nos estudos de Manoel Sarmiento. O autor esclarece que quando falamos de crianças, estamos discorrendo sobre algo que tem identidade própria, que não pode ser simplificada ou reduzida ao mundo dos adultos (Sarmiento, 2004). Dessa maneira, entende-se que as crianças têm suas próprias formas de ser, pensar e agir, que são únicas e devem ser valorizadas por si mesmas. Sarmiento (2004) demonstra que as culturas da infância são os modos próprios e específicos como as crianças interpretam, agem, criam significados no mundo e refletem o contexto social e histórico em que estão inseridas, exprimindo “a cultura societal em que se inserem”. O autor atesta que as crianças fazem isso de “modo distinto das culturas adultas, veiculando formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo” (Sarmiento, 2004, p. 22). Logo, as culturas da infância possuem características próprias.

As culturas da infância possuem quatro eixos, são eles: a interatividade, a ludicidade, a construção da fantasia a partir do real e a reiteração. De maneira sucinta, o eixo da interatividade envolve o aprendizado e a criação cultural das crianças por meio da interação com diferentes realidades ao seu redor, colaborando com a formação da sua identidade pessoal e social. Nessas vivências, a interação com outras crianças nos mesmos ambientes gera aprendizados que Sarmiento (2004) denomina “cultura de pares”, a qual “permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia” (Sarmiento, 2004, p. 23).

Quanto ao eixo da ludicidade, o brincar tem o mesmo valor que atividades consideradas sérias. Para Sarmiento (2004), “o brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade” (p. 26), sendo, portanto, uma forma de aprendizado e expressão da criança. A interação nas brincadeiras constitui, segundo o autor, um dos elementos fundamentais da cultura da infância.

Nessa perspectiva, no âmbito da criação musical, Beineke (2011) destaca que a produção destinada às crianças difere daquela voltada aos adultos. Com base em Pescetti (2005), a autora esclarece que “é o caráter lúdico de uma música, ou de uma aula, ou de um programa de rádio, que permite que se mantenha o ‘clima infantil’, mesmo quando se apresentam materiais complexos que não são dirigidos exclusivamente às crianças” (Pescetti, 2005 *apud* Beineke, 2011, p. 11).

No eixo da fantasia do real, Sarmiento (2004) explica que o “mundo do faz de conta” contribui para a construção da visão de mundo da criança, que mistura realidade e imaginação de forma criativa. No entanto, o autor observa que a expressão “faz de conta” não é apropriada a esse processo de reconstrução da realidade, pois a distinção entre realidade e fantasia “é demasiado frágil para denotar o processo de imbricação entre dois universos de referência, que nas culturas infantis efetivamente se encontram associados” (Sarmiento, 2004, p. 26).

Sarmiento (2004) explica que a capacidade de transitar entre a realidade e o imaginário é crucial para o desenvolvimento da resistência das crianças diante de momentos de sofrimento ou de vergonha. Escreve que o “fazer de conta é processual, permite continuar o jogo da vida em condições aceitáveis para a criança” (Sarmiento, 2004, p. 27), mostrando como a imaginação se torna um recurso essencial para lidar com as adversidades da vida.

No eixo da reiteração, as crianças reinventam a cultura em que estão inseridas. Suas brincadeiras e interações ocorrem em seus tempos próprios. A repetição não é apenas uma forma de reviver experiências, mas uma forma de reinvenção ativa e aprendizado de vivência no mundo ao seu redor, como escreve Sarmiento (2004):

Nesses fluxos estruturam-se e reestruturam-se as rotinas de ação, estabelecem-se os protocolos de comunicação, reforçam-se as regras ritualizadas das brincadeiras e jogos, adquire-se a competência da interação:

trocam-se os pequenos segredos, descodificam-se os sinais cifrados da vida em grupo, estabelecem-se os pactos (Sarmiento, 2004, p. 28).

Para estabelecer um diálogo entre os quatro eixos da cultura da infância, propostos por Sarmiento (2004), apresentamos os conceitos de musicobiografização, práticas musicais automediais e os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa em andamento.

Musicobiografização e suas práticas musicais automediais

O termo musicobiografização é derivado do conceito de “biografização”, de Alheit (2011): “um código pessoal de experiência, uma lógica interna de processamento que só vale para nós” (Abreu; Souza; Araujo, 2024, p. 2). Enquanto conceito teórico e prático, busca elucidar como os indivíduos constroem conhecimentos sobre suas próprias trajetórias vividas por meio da música. Refere-se à uma abordagem centrada no sujeito que, ao interagir com elementos sonoro-musicais, se expressa, se constitui e se transforma, “atribuindo valor e sentido à sua autoformação, mediante práticas musicais automediais” (Abreu; Souza; Araujo, 2024, p. 2).

A musicobiografização, segundo Abreu, Souza e Araujo (2025), possui uma tríade dimensional denominada a “arte da escuta, do encontro e do cuidado”. Os autores esclarecem que as três dimensões da musicobiografização envolvem “uma escuta atenta e ativa, focada no encontro, interessada no narrado pelos sujeitos e nos sujeitos que narram por meio do cuidado com a sua representação da realidade” (Abreu; Souza; Araujo, 2025, p. 18). Esse processo de interação com o outro, bem como com a música – que pode atuar como um “outro” que dialoga com o indivíduo – contribui significativamente com a construção da identidade do sujeito, tanto individualmente quanto socialmente.

Este fato ganha força com a entendimento de que o conceito musicobiografização “visa orientar a compreensão sobre o modo como os indivíduos aprendem sobre a sua própria vida experienciada com a música” (Abreu; Araujo; Souza, 2024, p. 2). É nesse processo de experiência vivida que “as dimensões da musicobiografização emergem no campo do olhar fenomenológico acerca da relação do sujeito com o outro e com a música” (Abreu; Souza; Araujo, 2025).

O conceito de práticas automediais “abrange todas as formas de expressão e de linguagem: falada e escrita, fotográfica, visual, auditiva, gráfica, plástica, digital, corporal, gestual, cênica entre outras” (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023, p. 1). Este conceito envolve modos de expressão subjetiva que, com produção estética, sensível e criativa, podem ser entendidos como medialidades biográficas (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023). Dessa maneira, pode-se dizer que todas as artes possuem suas peculiaridades em que a “sua própria materialidade abre caminhos particulares de criação, produz formas e linguagens específicas” (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023, p. 4).

Considerando a linguagem musical, as práticas musicais automediais propõe compreender a música como um *medium* por meio do qual a subjetividade se constitui. A música nesse processo é mais do que um meio de comunicação, é um “lugar de realização da subjetividade” (Abreu; Souza; Araujo, 2024, p. 2). Dentro dessa realização, existe o gesto automedial, que é o movimento criativo que o sujeito, ao manipular os materiais, gera a união da criação artística e reflexão subjetiva. Nessa união, ao criar ou interagir com a música, o sujeito transforma a si mesmo, conforme esclarecem Delory-Momberger e Bourguignon (2023) ao escrevem:

A reflexão subjetiva acompanha o gesto criativo e o trabalho de um sujeito agindo sobre si mesmo ao agir sobre os materiais e as formas do *medium* que ele pratica. Esse é o gesto automedial. Gesto que faz da relação consigo mesmo o lugar de um trabalho incessante de materiais, de formas, de linguagens, de dispositivos, em suma, de mediações exteriores por meio das quais e nas quais a experiência de subjetivação é constituída (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023, p. 6).

Entende-se desta maneira que a manipulação de um *medium* não se limita a uma ação unilateral, mas configura um processo que transforma tanto o material quanto o próprio sujeito. Na perspectiva infantil, Lino (2008) escreve que “em interação com as materialidades sonoras, as crianças revelam a ‘força semiótica da música’, ou melhor, destacam aquilo que ela lhe oferece na relação dinâmica com a sua vida social” (p. 26). Dessa forma, pode-se dizer que o gesto automedial é uma prática de medialidade biográfica que estabelece uma relação constitutiva entre o interior e o exterior, entre o indivíduo e o mundo.

Procedimentos metodológicos e suas etapas

A pesquisa em andamento adota uma abordagem qualitativa, com enfoque (auto)biográfico, inspirando-se nos ateliês desenvolvidos por Delory-Momberger (2006) e Souza (2018), além de integrar a perspectiva da musicobiografização, conforme proposto por Abreu (2022; 2023; 2024; 2025). A investigação potencializa a construção coletiva de conhecimento musical e de narrativas de vida, articulando práticas musicais e autobiográficas na infância.

O estudo será realizado na Escola Parque 210/211 Norte, em Brasília-DF, com a participação de estudantes com idades entre 9 e 11 anos, do 4º e 5º anos do ensino fundamental. As atividades ocorrerão durante as aulas regulares, respeitando a rotina da escola, e envolverão 15 sessões planejadas. Os instrumentos e técnicas de coleta de dados incluem rodas de conversa, experimentações com instrumentos musicais e registros multimodais, como áudios, textos e desenhos produzidos pelos próprios participantes.

Os procedimentos metodológicos estão organizados em seis etapas. Nas duas primeiras, serão realizadas, respectivamente, a apresentação do projeto, com a assinatura do Termo de Aceite Livre e Esclarecido (TALE) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o estabelecimento de regras e combinados com os alunos, por meio de um contrato coletivo. As etapas seguintes compreendem: a produção das narrativas musicobiográficas infantis (etapa 3), o registro dos processos (etapa 4), e a análise e produção de narrativas musicais infantis com os arranjos, a partir do material coletado (etapa 5). Por fim, a etapa 6 será marcada pela apresentação performática à comunidade escolar e pela avaliação dos sujeitos participantes da pesquisa.

Na etapa dedicada à produção de narrativas musicobiográficas infantis, serão realizados encontros em grupo e em subgrupos com o objetivo de estimular a memória autobiográfica, que segundo Júnior e Santiago (2015), é “a evocação de eventos que aconteceram com um indivíduo” (p. 1). O estímulo ocorrerá por meio de perguntas reflexivas que provoquem recordações de experiências musicais significativas vividas por cada um. Para que o diálogo coletivo seja efetivo, é essencial considerar o que destacam Santos e Lira (2024) ao afirmarem que:

É importante compreender que as crianças fazem uso de diferentes linguagens antes e depois das palavras. Nas narrativas, elas dispõem de uma pluralidade de formas de se expressar, sejam elas verbal, corporal, lúdica, entre outras (Santos; Lira, 2024, p. 2438).

Nessa perspectiva, fundamentado nos eixos da interatividade, ludicidade e da fantasia do real de Sarmiento (2004) e nas dimensões da musicobiografização – *a arte da escuta, do encontro e do cuidado*, de Abreu, Souza e Araújo (2025), será utilizado o boneco “Sr. Batata” como meio de diálogo com as crianças. O Sr. Batata será apresentado e ganhará seus ouvidos, simbolicamente, pela primeira vez nessa etapa da pesquisa. Sua utilização está amparada no eixo da interatividade, ludicidade e da fantasia do real.

No eixo da interatividade, as aprendizagens que ocorrem nas interações entre crianças dentro de seus ambientes de convivência, são denominadas por Sarmiento de *Cultura de Pares*. Este conceito constitui-se como um espaço de aprendizagem e produção cultural, que possibilita às crianças a apropriação, reinvenção e reprodução do mundo à sua volta (Sarmiento, 2004, p. 23). No eixo da *ludicidade* o brincar surge como uma forma de aprendizado e expressão infantil. No eixo da *fantasia do real*, a criança mistura realidade com imaginação de maneira criativa e interpreta situações reais de maneira imaginativa.

No que se refere às dimensões da musicobiografização presentes no processo, a *arte da escuta* manifesta-se no ato de ouvir com atenção e sensibilidade, tanto a si quanto ao outro, tendo a música como *medium* do processo de (re)construção da história, experiência e identidade. A *arte do encontro* revela-se na dinâmica de reciprocidade entre escuta e expressão. A *arte do cuidado* surge na disposição em ouvir o outro com atenção e respeito, acolhendo suas narrativas musicais como possibilidade de construção de laços, transformar-se e construir sentido juntos.

Em todo o processo de produção das narrativas musicobiográficas, estarão presentes tanto os eixos da cultura da infância quanto as dimensões da musicobiografização. Nessa etapa e contexto é importante destacar a observação de Delory-Momberger (2006, p. 362), que esclarece:

O objeto sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida não é, portanto, ‘a vida’, mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram, pela fala ou pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas (Delory-Momberger, 2006, p. 362).

As construções narrativas das crianças participantes da pesquisa serão mediadas pela música, podendo transpassar pela fala, escrita, desenho, gesto, recursos audiovisuais, entre outros. As manifestações dessas narrativas musicobiográficas serão registradas por meio de gravações de áudio, vídeos e outros recursos, incluindo a elaboração das próprias narrativas pelas crianças, constituindo, assim, a quarta etapa da pesquisa.

A quinta etapa consiste na análise e na produção de narrativas musicais, construídas a partir do arranjo musical elaborado com material musicobiográfico coletado. Essa análise envolve a seleção de fragmentos da narrativa musicobiográfica de cada participante — podendo ser uma melodia, um som, uma letra, entre outros elementos. A escolha será feita pelas próprias crianças e apresentada ao pesquisador. Nesse processo, as crianças trazem e expressam representações de si, que serão conectadas por meio do arranjo musical, constituindo-se desta maneira as narrativas musicais infantis. Após essas conexões, elas avaliarão se conseguem reconhecer-se no arranjo coletivo e contribuirão para a construção da versão final.

Dessa maneira, o arranjo musical será concebido como a sistematização voltada à criação de narrativas musicais infantis, de modo que as crianças envolvidas no processo possam reconhecer-se na obra musical do grupo. Dentre desse contexto, vale ressaltar as contribuições de Lemos (2015), que esclarece que, por meio da competência técnica e criativa do professor [e do aluno], “podemos adaptar qualquer canção a qualquer realidade técnica ou de recursos” (p. 2, *acréscimos meu*). O arranjo musical será considerado um dos elementos mediadores na construção de uma intriga musical que, uma vez configurada, se tornará uma narrativa musical em condições de gerar efeitos sobre o sentido ora musicobiografizado.

A sexta e última etapa será marcada pela consolidação da obra musical para a apresentação performática à comunidade escolar e pela avaliação dos sujeitos participantes da pesquisa. Nesse processo de consolidação do arranjo, a música torna-se um território de transformação, o *medium* de expressão, reconhecimento e reinvenção da subjetividade, em acordo com Abreu, Souza e Araújo (2024), que dizem:

A noção de práticas musicais automeciais é um modo de pensar a música como *medium* pelas quais uma subjetividade encontra sua forma. Ou seja, mais do que um meio ou uma mídia, dentro dessa noção, a música opera como lugar de realização da subjetividade (Abreu; Souza; Araújo, 2024, p. 2).

Beineke (2011) destaca que é “importante estarmos atentos ao que as crianças nos dizem, pois podemos sempre aprender com elas, que nos dão um retorno vivo e repleto de significações sobre o trabalho que estamos desenvolvendo” (Beineke, 2011, p. 21). Logo, é possível inferir com o conceito de musicobiografização que, como professor arranjador, é importante estarmos atentos ao que as crianças dizem sobre si mesmas e como elas se reconhecem nesta narrativa, pois é aí que reside a aprendizagem musical na biografização como nos ensina Peter Alheit (2011).

Convém enfatizar que a forma como nos construímos e nos narramos acontece não apenas por palavras, mas também por ações e representações. Como aponta Oliveira (2021), “automedialidade parece referir-se a um processo de biografização de si que acontece no gesto, na performance, no espaço da imagem; ação realizada tanto pelos artistas quanto pelos espectadores” (Oliveira, 2021, p. 227). Nesse sentido, o ato de cantar, dançar ou ouvir uma música não se resume à expressão de si, mas implica um processo de autoconstrução do próprio sujeito — um tornar-se.

No contexto da pesquisa, dentro da prática musical automedial, o arranjo musical — embora não restrito a ele — configura-se como o espaço onde o “eu” é constantemente construído e reconstruído. Dessa forma, o arranjo se tornará uma composição coletiva de uma obra musicobiográfica, criando automedialidade em que o processo de reflexão e entendimento que emerge da interação do indivíduo com suas experiências de vida mediadas pela música, possibilita um novo processo de “formação que incorpore novos conhecimentos para dentro da construção de experiências, transformando modos de biografizar-se no mundo” (Abreu; Souza; Araújo, 2024, p. 2).

Considerando todas as etapas dos procedimentos metodológicos, é possível visualizar um processo dialético: *medium* → automedialidade → outro *medium* → automedialidade. Em que as crianças criam narrativas musicobiográficas por meio das práticas automediais, a partir de sons e gestos, que também podem ser entendidos como *mediums*. Desse processo de musicobiografização emerge a base para o arranjo musical, que, quando performado, configura-se como narrativa musical. O arranjo final, ao articular *mediums* e a automedialidade das crianças em uma única composição, torna-se uma obra musical concreta que reflete as identidades individuais e coletivas que a moldaram.

Considerações Finais

O presente artigo buscou evidenciar a estruturação dos procedimentos metodológicos e etapas para a investigação da pesquisa em andamento. Por meio de uma abordagem (auto)biográfica, buscamos dialogar com os conceitos de culturas da infância, musicobiografização e práticas automediais, tendo como dispositivo formativo o ateliê musicobiográfico.

A articulação entre os conceitos e os procedimentos permitiu delinear uma metodologia que potencializa as múltiplas formas de expressão infantil. A escuta das experiências musicais, que estão amparadas nos conceitos de ludicidade, interatividade, fantasia do real e reiteração, de Sarmiento (2004), atreladas às dimensões da musicobiografização – a escuta, o encontro e o cuidado, de Abreu, Souza e Araújo (2025), revela o potencial da infância como lugar de aprendizagem e (re)produção cultural, em que a música pode operar como *medium* do processo de (re)construção da história, experiência e identidade, por meio da expressão, reconhecimento e reinvenção da subjetividade da criança.

Ao apresentar as etapas do processo metodológico, destaca-se o compromisso com a valorização da infância e com a construção compartilhada de conhecimento, que se realiza no entrelaçamento das vozes, gestos, sons e silêncios das crianças participantes da pesquisa.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, 131604, 2024. Disponível em: <<https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/290>>. Acesso em: 03 de fevereiro 2024.

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Três dimensões da musicobiografização: um ensaio com relatos de experiências de práticas musicais automediais. *Revista Orfeu*, 2025 (no prelo).

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Revista Música na Educação Básica*. V. 3, n. 3, setembro de 2011. Disponível em: <<https://revistameb.abem.mus.br/meb/index>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Jean-Claude. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, 2023, v. 08, n. 23, p. 01-09, e 1129. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19443>>. Acesso em: 22 de abril de 2025.

JÚNIOR, José Davison da Silva; SANTIAGO, Diana. Memórias autobiográficas evocadas por atividades musicais: um estudo com idosos. In: *Anais... XXV Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, Vitória, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/13200>>. Acesso em: 18 de maio de 2025.

LEMOS, João Rafael. Elaboração de arranjos e educação musical. In: *Anais... XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*. Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento. 05 a 09 de outubro de 2015 – Natal/RN.

Disponível em: <<https://www.amplificar.mus.br/data/referencias/ver/Elaboracao-de-arranjo-e-educacao-musical>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

LINO, Duldimara Lemo. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Gabriela Clemente de. Poéticas da Memória. Christine Delory-Momberger e Forografia. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 06, n. 17, p. 224-234, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9107>>. Acesso em: 22 de abril de 2025.

SANTOS, Leidiane Aparecida dos; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. As narrativas infantis como possibilidade para reconhecer a atribuição de sentidos pelas crianças. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 04, abr. 2024. ISSN 2675-3375. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13624>>. Acesso em: 27 de fevereiro 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães. *O ateliê musicobiográfico como projeto formativo: um estudo com estudantes do Instituto Federal de Brasília – Campus Ceilândia*. 2018. Dissertação (Mestrado em Música), Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.